

(A partir de 1998, a *CARTA DO MÊS* não trará só *ESCRITOS DE SÃO GASPAR BERTONI*, mas *ESTIGMATINIDADE*).

Marcando este ano o décimo aniversário da retomada das *MISSÕES POPULARES* na Província Santa Cruz, é interessante saber o que os Estigmatinos passaram a fazer após a morte do Fundador.

“Falando agora das ocupações de nossos Padres, diremos que depois da eleição do Pe. Marani, o Pe. Francisco Benciolini, que se tornaria o Apóstolo daquele bairro, ficou sozinho trabalhando na igreja de S. Maria del Giglio, entregando-se sem poupar fadigas ao ministério da pregação e das confissões para levar o próximo a Deus. Seu campo predileto foi o Oratório, no qual por mais de meio século desenvolveu toda sua ardente atividade. Ele incendiava e afervorava cada vez mais os jovens para participar, atraía com bons modos os indolentes e os rebeldes, cuidava continuamente de sua conduta, procurando de todo modo promover os bons costumes e a piedade no meio da juventude que ele tanto amava. Para ajudá-lo nos dias de festa foi designado em 1854 o Pe. Ricardo da Prato.

A principal ocupação dos Padres naquele tempo era pregar Missões e Exercícios espirituais. A esse respeito não sabemos ao certo se até esse tempo tivessem sido convidados a pregar em outras cidades, não tendo sido conservada nenhuma lembrança. Mas desde a ereção do Instituto até o final de 1855 sabemos que eles pregaram em Cremona, Treviso e outras cidades. A Missão, porém, que mais marcou foi a de Caravaggio. Tomaram parte Pe. Marani e Pe. Lenotti que pregavam para o povo na igreja principal da cidade, Pe. Bencionlini que pregava às moças em uma outra igreja e o Pe. Venturini que numa terceira igreja falava aos rapazes. A Missão começou na tarde de quinta-feira, 27 de dezembro e terminou no domingo, 06 de janeiro de 1856. A presença do povo nas pregações foi enorme (escreve Pe. Lenotti) e a atenção em ouvir, maravilhosa. As comunhões foram muitas em todas as igrejas, durante o curso da Missão, mas muito mais no último dia da Comunhão Geral que foi feita contemporaneamente nas três igrejas. As confissões começaram no terceiro dia da Missão, e o concurso foi extraordinário. Havia dezoito confessores, mas foi preciso chamar de Milão dois Capuchinhos que chegaram no dia 1º de janeiro, e foram de grande ajuda. E terminada a Missão os dois permaneceram ainda vários dias fazendo as últimas colheitas.

Na manhã de segunda-feira, 7 de janeiro, os nosso Padres no momento da despedida foram saudados com o repicar dos sinos e uma grande multidão de povo que os aclamava. Foram transportados de carruagem pelas principais ruas da cidade, e em todo lugar havia gente com lágrimas nos olhos e com as mãos levantadas, dando-lhes um cordial adeus. “Em suma (escreve Pe. Lenotti) era uma coisa que fazia chorar”. Aquele bom povo quis dar de presente aos Missionários preciosos paramentos, mas eles não aceitaram nada.

A Missão ficou por muito tempo lembrada não pelos nossos, mas principalmente pelo devo povo de Caravaggio. E mais uma vez voltaremos a nos ocupar dessa cidade.

Em 1855 nossos Padres continuaram com a pregação, e pode-se dizer que não passava semana em que não fizessem alguma Missão ou Curso de Exercício Espiritual na cidade e diocese de Verona, e também fora, como no Seminário de Treviso, no Hospital Maior de Milão, em Cremona e muitos outros lugares, e em toda parte (nota Pe. Lenotti) o fruto era muito grande e muitíssimas as Comunhões. Em muitos lugares no fim da Missão fundava-se o Oratório ou se instituía a Pia União contra a blasfêmia. Daí conclui Pe. Lenotti: “O Senhor demonstra claramente que a nossa mínima Congregação é obra sua.”

(Breve Crônica – Segundo Período – nos. 94-95-96).



Carta do Mês: ESTIGMATINIDADE

MÊS: Fevereiro
ANO: 1998
Nº: 90

“Durante o ano de 1857, depois da entrada do Noviciado na SS. Trindade, não encontramos mais notícias de grande interesse. Os Padres estavam sempre ocupados em pregar Missões ou Exercícios Espirituais, e sempre com muitos frutos, o que se pode ver pelas cartas de agradecimento que chegavam de toda parte ao Superior Pe. Marani no final de cada Missão, e que ainda são conservadas no Arquivo do Instituto.

Também nos Estigmas os nossos pregavam de tempos em tempos os Exercícios Espirituais, para comodidade dos padres que se recolhiam uma semana, para reconfortar-se no Espírito. Neste ano, precisamente no mês de agosto, encontramos nos Estigmas para um Curso de Exercícios Espirituais os Pes. Daniel Comboni e João Beltrame, com seus companheiros Dal Bosco, Melotto e Oliboni, enviados pelo Pe. Mazza, a fim de preparar-se para a grande Missão da África Central. “Fizeram-nos com grande empenho e edificação (escreve Pe. Lenotti) e partiram muito contentes” e acrescenta: “É muito bom os Missionários se ajudarem”.

“Também no ano de 1858 nossos Padres foram procurados para a pregação. Fizeram algumas Missões na cidade e diocese de Pádua, após as quais o Bispo daquela cidade escreveu afetuosas cartas ao Pe. Marani, agradecendo-o pelo favor recebido. Aliás, sendo aquele ano de Jubileu, quis ter nossos padres pregando uma Missão na Catedral da sua cidade. Foram enviados os Pes. Lenotti, Rigoni e Benciolini. Reuniram muito povo e conseguiram frutos consoladores. “Elogiaram o nosso modo de pregar claro e popular (escreve Pe. Lenotti), e tivemos muitas confissões. Hospedados na Casa do Bispo recebemos ali finezas e cortesias”.

Na mesma ocasião do Jubileu, no mês de outubro, também D. Farina, Bispo de Treviso pediu dois padres para uma Missão na sua Catedral. Foram os Pes. Rigoni e Benciolini.

Lembraremos aqui um giro de pregações que fizeram neste ano alguns dos nossos padres na parte montanhosa da Diocese de Verona preparando o povo para a visita pastoral. “No dia 14 de junho (escreve Pe. Lenotti) foram para Montorio os Pes. Benciolini e Lenotti para dar três dias de Exercícios e confessar outros dois dias. Em seguida foi o Pe. Vignola para Mizzole, o Pe. Rigoni para Pigozzo. E assim todos, ora um, ora dois por lugar, de acordo com a população, foram para: Castagnè, Trezzolano, Moruri, Canello, S. Rocco di Piegara, Roverè di Velo, Saline, Centro, Tregnago, Cogollo, Badia, Selva di Progno, Giazza, Campo Fontana, S. Bartolomeo, Castelvetro, Bolca, Vestena Vecchia, Vestena Nuova. Apesar da estação crítica para esses lugares, todavia o comparecimento foi discreto, as festas muito grandes, e as confissões mais ainda. Enfim, o Senhor abençoou, e o Bispo, o Vigário Geral e os Párocos ficaram satisfeitos e agradecidos. Foi uma Missão trabalhosa, pela estação extravagante desse ano, e pelo pouco sono. Tirando alguma constipação fomos todos muito bem... Voltamos no dia 22 de julho”.

(Foi oferecida uma fundação em Caravaggio)

“Com a esperança de poder aceitar esta fundação, que tanto agradava os nossos, Pe. Marani, em março do mesmo ano foi pessoalmente a Caravaggio. Mas apesar de toda sua boa vontade, não pôde aceitar a oferta nas condições impostas pelo conselho de administração sobre a dependência dos padres, e a obrigação absoluta de residência que se lhes impunha. (1)

Pelas mesmas razões e ao mesmo tempo o Pe. Marani teve que renunciar a uma outra fundação que lhe era oferecida “com muita insistência”. Estava para ser aberto em Sacco (cidade do Trentino) um colégio-internato para jovens estudantes que frequentavam as escolas normais, e pensou-se em oferecer a direção aos nossos Padres. Pe. Marani em abril foi a Rovereto para tratar desse negócio; mas também essa fundação não pôde ser feita, “não podendo (assim escrevia Pe. Marani) ocupar os meus Padres que são muito poucos nesse trabalho e tirá-los das Missões, cujos pedidos são tão numerosos, que não se pode atender nem a décima parte”.

(1) – Como veremos mais claramente em seguida, Pe. Marani naqueles tempos, devido ao pequeno número de pessoal, queria ter os Padres à sua disposição para empregá-los ora um, ora outro nas Missões de que tinha muitos pedidos.

(Breve Crônica – Segundo Período – n^{os} 100-102-103).



ESPIRITUALIDADE DE ABANDONO EM SÃO GASPAR BERTONI

Os maiores centros de vida religiosa italiana no século XIX são: Roma, Turim e o triângulo: Verona, Bérgamo e Bréscia... Outro grande centro foram as Províncias de Verona, Bréscia e Bérgamo, que se unem mais à tradição do catolicismo vêneto, que do catolicismo Lombardo. Destas três províncias, porém, a que mais contribuiu com homens ilustres para a renovação da Igreja no século passado, foi Verona. No decorrer do século foram fundados cerca de 20 novos Institutos nesta cidade. Um dos primeiros a começar em Verona, este movimento de renovação espiritual foi São Gaspar Bertoni. Na história da espiritualidade italiana de mil e oitocentos, tem ele, uma função bem precisa e um relevo especial.

São Gaspar nasceu em 1777, morreu em 1853. Foi o Fundador dos Estigmatinos, uma Congregação religiosa que não teve grande desenvolvimento, mas grandeza espiritual de Pe. Gaspar não pode ser considerada somente como Fundador de uma Congregação. Na história da espiritualidade italiana ele é uma figura de grande relevo, talvez a mais interessante da sua cidade.

Se quisermos considerá-lo por este ângulo, devemos recorrer essencialmente a seus escritos. Dele já temos muita coisa publicada por seus filhos: o Epistolário, o Memorial, sermões, instruções... Muito ainda há de inédito no arquivo da Congregação.

Duas obras, sobretudo, têm importância para o estudo de sua doutrina espiritual: o “Memorial Privado” e o “Epistolário”. Podemos seguir, bastante fielmente, através destas duas obras, sua vida, desde quando com pouco mais de trinta anos, enveredava pelo caminho da santidade, até quase os últimos anos de sua vida.

Se o Memorial e o Epistolário, especialmente pelas cartas à Naudet, são documentos de incomparável valor para conhecer a alma do Santo e penetrar sua doutrina, não podemos esquecer duas outras pequenas publicações: um livrinho contendo alguns de seus sermões: “Páginas de vida cristã” e um curso de exercícios aos eclesiásticos. Na tese de Nello Dalle Vedove “Um modelo de santo Abandono”, aparecem freqüentemente citações muito importantes de uma exortação aos seminaristas, “Comentário aos Livros dos Reis”, que não acredito tenha sido publicada. Com estes textos podemos fazer uma pesquisa que nos permita conhecer a alma e a espiritualidade de Pe. Gaspar. Podemos dizer que a consulta nos leva a descobrir em São Gaspar um mestre de notável grandeza, ou até mesmo de muita originalidade. A originalidade, mais que na doutrina, está no sentido. A grandeza está no poder de uma síntese, um pouco esquematizada, é verdade, mas que revela a simplicidade e a segurança do seu espírito de fé.

Difícilmente se encontram nos escritores espirituais, ao menos nos últimos séculos, uma dependência da Sagrada Escritura como em São Gaspar. Ele vive verdadeiramente numa relação constante com os Salmos, com os Evangelhos, com São Paulo, ou melhor, com todos os livros da Sagrada Escritura. No Epistolário florescem continuamente textos da Sagrada Escritura do Antigo e do Novo Testamento. Sua vida interior depende dos textos. São seus

guias, suas normas de agir. Sobre eles se modela, deles tira a luz e a direção para o próprio caminho. Lê-se no Memorial: “O Senhor gostaria de falar com muitas almas, se se recolhessem um pouco, pois o mundo faz muito barulho ao redor delas”. A brevidade das anotações do Memorial impedem referências à Sagrada Escritura, mas no Epistolário as citações são contínuas. Muitas vezes, como na primeira carta à Naudet, são mais as citações da Sagrada Escritura que palavras suas. Deve-se notar como a espiritualidade de Pe. Gaspar depende de um estudo atento e amoroso da Palavra de Deus. Um aceno especial aos Evangelhos e aos Salmos. Dos Salmos, há dois deles que ele aprecia muito e estão continuamente na sua pena: o Salmo 90 e 35.

O que prejudica um estudo da espiritualidade bertoniana é a falta de escritos dos últimos trinta anos de sua vida. Uma perda irreparável foi a destruição da correspondência que São Gaspar teve com Pe. Luiz Bragato, seu filho predileto, nos decênios que esteve na Corte de Viena, como confessor da Imperatriz. As migalhas que sobram, nos fazem chorar a perda, pois manifestam uma abertura simples e confiante, o que é muito difícil numa alma habitualmente tão controlada.

(Traduzido do livro de Divo Barsotti – Magistério dos Santos – Ensaio para uma história da espiritualidade italiana de 1800 – Ed. A.V.E. – Roma – 1971 – págs. 11-29).



EREÇÃO CANÔNICA DA CONGREGAÇÃO

No dia 16 de abril de 1855, a S. Congregação dos Bispos e Religiosos concedeu o **“Decreto de Louvor”** ao nosso Instituto.

No dia 28 de julho tiveram notícia da aprovação Imperial e no dia 07 de setembro receberam a comunicação oficial.

Cheios de alegria e reconhecimento para com Deus, marcaram o dia 30 do mesmo mês para a solene EREÇÃO CANÔNICA DO INSTITUTO. Depois de um curso de Exercícios Espirituais, procederam à eleição regular do Superior Geral. “Reunidos às três horas da tarde (escreve Pe. Lenotti) no quarto do M. R. Fundador Pe. Gaspar Bertoni, de veneranda memória, os Religiosos Sacerdotes da Congregação, excluídos os noviços, e invocada as Luzes do Espírito Santo com o hino “Veni Creator” fizeram o escrutínio: foram abertas e lidas publicamente as cédulas colocadas na urna, e foi eleito por unanimidade para Superior Geral da Congregação o M. R. Pe. João Maria Marani. Convocada toda a comunidade, e reunidos todos na Capela interna, incluídos os Noviços e os Irmãos Coadjuutores, foi anunciado o Superior eleito na presença de todos, seguindo-se com muita alegria o beija-mão; no final foi recitado o hino “TE DEUM” em ação de graças”.

No dia 30 finalmente “depois de nos três dias precedentes terem os sinos tocado festivamente e a capela enfeitada, foi feita a Memoranda Ereção da nossa pequenina Congregação” (Pe. Lenotti).

Às oito horas, chegou o Bispo, acompanhado do Vigário Geral Mons. Marchi e do cerimoniário Pe. Valbusa, e na porta da igreja estavam a esperá-lo todos os religiosos, que o acompanharam dois a dois até o presbitério, enquanto eram cantados os versículos: “*Quid retribuam Domino... – Vota meã Dominus redam...*”

O Bispo depois de fazer a preparação para a Missa, paramentou-se e colocou o pluvial para o canto do Veni Creator e da Oração; depois vestindo a casula celebrou a Missa, na qual os Irmãos comungaram. Terminada a Missa o Bispo retomou o pluvial e incensou o SS. Sacramento (tendo sido abertas as portas do Tabernáculo), depois foi para o trono para ele preparado e ficou em pé com o báculo na mão, enquanto o Pe. Marani, ajoelhado no primeiro degrau do altar, diante do SS. Sacramento fez a sua profissão.

Depois de fechado o Tabernáculo, o Bispo sentou-se com a Mitra na cabeça, e o Pe. Marani sentou-se também ao lado da Epístola e recebeu a profissão dos confrades que, um por vez, ajoelhados diante dele fizeram os votos segundo o rito da Congregação. Em seguida, cantado o Salmo “*Ecce quam bonum*” e algumas orações, o Bispo fez uma breve alocução elogiando o Fundador Pe. Gaspar Bertoni com as palavras do Salmo “*Iustus ut palma florebit...*”, louvando o Instituto e animando seus religiosos para que imitassem o Pai, e prosseguissem na caminhada, que será aquela desejada pelos Bispos, e que o Sumo Pontífice lhe disse que desejava que esse “*pusillus grex*” aumentasse. E com o nome de Missionários

Apostólicos, disse que devemos por isso mesmo imitar os Apóstolos na pregação da Palavra Divina e imitar-lhes o zelo, a caridade e a abnegação.

Em seguida, do altar, o Bispo abençoou os Religiosos e a Congregação. Logo após foi feita a Procissão que, saindo da Igreja, tomou o lado esquerdo e entrou pela porta principal do Convento, e depois de atravessá-lo, saiu pela porta menor e voltou para a Igreja. O Bispo ao entrar e sair do convento fechou a porta e fez correr o ferrolho, significando com isso o limite da clausura. Finalmente, na igreja, cantou-se o TE DEUM, terminado o qual o Bispo deu a bênção a todos os presentes, concedendo quarentas dias de indulgências.

Compareceram, convidados, todos os Superiores de Ordens Religiosas, o Provincial da Companhia de Jesus, Pe. Berretta, o Prefeito Ferrari, o assessor marquês Otávio de Canossa e muitos outros respeitáveis sacerdotes e leigos. Terminada a função na Igreja foi distribuído ao povo o opúsculo “Esboços sobre a Congregação”, mandado imprimir pelo Pe. Marani. Aos convidados foi servido um refresco e também foram dados os “Esboços”, juntamente com uma elegante composição latina e italiana feita, como se soube mais tarde, pelos Revmos. Pes. Jesuítas”.

(A “Civiltà Cattolica” publicou no fascículo de dezembro (Série II, Vol. 12) uma correspondência onde descreve muito bem a referida ereção, e dá uma idéia bem justa do nosso Instituto).

(Breve Crônica – Segundo período – n^{os} 91-92).



A VIDA COMUM

ACEITAÇÃO

Existem fraquezas, modos de agir e de sentir, tiques, caracteres, costumes, que já são estáveis e irreversíveis. Pessoalmente, talvez, nem mais nos apercebemos deles, porque já estamos calejados. Não, porém, os outros que sentem incômodo e mal estar.

A vida comum está repleta de ocasiões para exercitar a paciência e a tolerância recíproca, ou melhor, para aceitar o outro como ele é.

O outro...

cheira cigarro,

arrasta os pés,

bate as portas ou as deixa abertas,

balança nervosamente as pernas,

seu timbre de voz é um pesadelo,

tem sempre o nariz pingando, ou faz bolinhas,

ronca forte,

sempre tem calor ou sente corrente de ar em todo lugar,

faz sempre os outros esperar,

é um perfeccionista,

ele sempre tem razão...

O outro!

Mas preste atenção: há alguém que pensa ser o protótipo do homem mais perfeito de toda a criação e quem sabe se nascerão outros melhores...

Cristo nos ensina a aceitar pacientemente o outro com seus limites, abençoar quem nos amaldiçoa, a fazer o bem a quem nos faz o mal, a interceder junto do Pai para quem nos persegue. Pede-nos para ajudar os outros a carregar seus fardos.

Acredito que os piores fardos sejam os próprios limites, os pecados, os defeitos.

Existem outras divergências de julgamento sobre eventuais escolhas pastorais. Especialmente em decidir as prioridades dos bens a serem feitos podem nos levar à discórdia.

Pobre humanidade!

Aqui a questão é muito delicada. A história da Igreja está repleta de vicissitudes dramáticas, de divisões em nome de Deus e da ortodoxia.

Mesmo em nossos dias assistimos continuamente a reabertura de feridas que pensávamos já estarem completamente curadas.

Pode-se estar convencido de ter razão, mas a divisão todavia é um mal, mas terrível que qualquer outro e é sempre fazer o jogo do demônio, que no inferno faz festa pelas noventa e nove ovelhas que brigam entre elas, mais do que a uma que retorna ao rebanho.

Certas divergências, mesmo em fazer o bem, podem esconder o orgulho.

O orgulho é pecado odioso, mas quem por ele é atingido (e quem não o é?) pode ser corrigido, curado como um doente de lepra ou de AIDS, com amor.

Não deve ser marginalizado. Jamais.

ATENÇÃO CUIDADOSA PARA COM O OUTRO

A lei do corpo nos diz que se um membro sofre, todo o corpo sofre, e se um membro é honrado, todo o corpo recebe a mesma honra (1Cor 12,25-26).

Às vezes se ouve da boca de confrades expressões como: “Eu vou pelo meu caminho e ele pelo dele, assim iremos de acordo”. – “São problemas seus, vossos”. – “Fora me chamo!...” – “Vocês estigmatinos!...” Se são frase ditas por brincadeira, ainda passa, mas se por baixo existe de fato algum motivo, eu lhe pergunto o que o faz permanecer entre nós.

Ouçã o que dizia o Pe. Lenotti: “Um religioso frio, indolente pelo bem de seus confrades e da sua Congregação pode-se dizer que *“est in nobis, sed non ex nobis”* (está entre nós, mas não nasceu de nós, não é dos nossos); um religioso zeloso do progresso dos seus companheiros, da sua Congregação, pode-se dizer que é um braço, a alma da sua Congregação, e que é um verdadeiro filho amoroso de Deus. É muito importante a estima e o amor da própria Congregação e o zelo pela glória de Deus: ao qual somos obrigados também por gratidão” (CS III, p. 534).

A SALVAÇÃO DAS ALMAS

As Constituições do Fundador lembram que nós, enviados como Cristo para procurar a salvação das almas, não podemos descuidar daqueles que vivem conosco a mesma vocação, antes, em primeiro lugar e com mais ardor está voltado para eles o nosso amor apostólico:

“Sendo escopo da Congregação fomentar a salvação das almas, exija-se de seus membros a prática de ministérios proporcionais para tanto. Resulta daí, em primeiríssimo lugar, que cada membro da Congregação deve desejar e buscar, como primeiro apostolado, o bem espiritual dos próprios confrades antes das pessoas externas, pois a caridade é sumamente ordenada. Numa palavra, essa caridade, que impele a procurarmos a nossa própria salvação espiritual antes que a dos outros, também entre as demais pessoas, primeiro impele a procurarmos a salvação espiritual dos confrades e a de toda a Congregação antes que a dos externos” (CF 262).

Em particular São Gaspar dedica o número sucessivo aos superiores: “Desse princípio, deve nascer o grande empenho e diligência que os Superiores da Congregação assumem para que haja um bom crescimento espiritual entre seus filhos caríssimos” (CF 263).

(RITORNO ALLE SORGENTI – Pe. Bruno Facciotti – Ed. Estigmatinas – Roma 1996 – A vida comum – págs. 101-105).



A VIDA COMUM

NOS ESTIGMAS RESPIRAVA-SE ORAÇÃO

Ao ler as memórias do Gramego, do Lenotti e do Zara não se pode fugir do clima de fervor e de oração contínua com que eram vividos os acontecimentos mais disparatados.

A nós, filhos da secularização, e do secularismo, parece talvez excessiva essa oração incessante, parecem exageradas as contínuas invocações a Deus e as jaculatórias aos Santos.

Nos Estigmas porém vivam como santos e se andava em busca de Deus... e O encontravam!

Entremos também aqui, em silêncio.

Entremos na Igreja. É sexta-feira à tarde. Toda a comunidade está reunida para a cerimônia da boa morte. Todos, padres e irmãos, cantam os Graus da Paixão; ouve-se um ensinamento sobre os versículos da Sagrada Escritura e finalmente a Oração às Cinco Chagas de Jesus.

Depois vai-se para a janta.

Silêncio nas passagens, como religiosos (*more religiosorum*). Em seguida a alimentação frugal, enquanto um padre ou um clérigo lê vida dos santos. Depois do jantar: “Deo Gratias!” Na cozinha todos lavam os pratos com alegria. Fala-se um pouco de tudo, mas muitas vezes comentam o que foi lido há pouco ou os fatos do dia. Ao sinal da campinha (a voz de Deus que chama) todos, imitando na terra os espíritos celestes, correm e voam em volta da mesa para recitar as Completas.

Fazem-se vários exames de consciência, recitam-se os salmos com compostura e atenção e depois... estudar a fim de preparar as aulas e as pregações.

Finalmente repousar.

De manhã, Ir. Paulo desperta bem cedo: “*Ángelus Domini nuntiavit Mariae...*”

Mas deixemos de imaginar e ouçamos São Gaspar: “Além das comuns orações cotidianas e as obrigatórias, que consistem principalmente no Ofício Divino e na Missa a ser rezada, quanto é possível com a divina graça, atenta e devotamente, far-se-á a meditação cada dia antes da Missa por um terço de hora; o exame dos três tempos, ao levantar-se, ao meio dia e antes de deitar-se; as orações se façam em público nas nossas igrejas, ou em casa para excitar o fervor; Exercícios espirituais cada ano por oito ou dez dias... confissão cada oito dias...” (CF 47).

O nosso Padre Fundador, seguindo S. Inácio, não obrigou seus religiosos à recitação do Breviário em coro, para que ficassem livres no ministério apostólico. Mas na tradição estigmatina há um testemunho muito interessante do Pe. Lenotti: “A recitação familiar em comum das Matinas e Laudes, como também das Vésperas e Completas, era uma prática observada desde os tempos do Sr. Pe. Gaspar”.

Todas as atividades era embebidas de oração.

Era oração comunitária a revisão das homilias, os numerosos retiros e cursos de Exercícios espirituais que se pregavam em casa, os capítulos da casa para tomar decisões a respeito da comunidade e de cada um.

UM POR TODOS E TODOS POR UM

São Gaspar e os primeiros estigmatinos nos ensinam a rezar uns pelos outros sempre; em particular “implorando de Deus, também com celebrações de Santas Missas, o fruto das Missões, das pregações e das Confissões” (CF 162). A rezar a Deus e aos Santos para pedir luzes celestiais para ajudar os confrades em dificuldades ou para pedir cura ou alívio nas doenças, ou para qualquer graça particular.

As cartas de São Gaspar nos testemunham esta solidariedade espiritual.

Nas suas Constituições ainda convida a estar próximos quando algum de nós chega ao momento decisivo da existência. “Quando um confrade recebeu os últimos Sacramentos no fim da vida, seja recomendado ao Senhor por todos os sacerdotes da casa com o sacrifício da Missa enquanto perdurar o perigo de morte, e pelos outros confrades com a santa Comunhão ou com a terceira parte do Santo Rosário” (CF 46).

(RITORNO ALLE SORGENTI – Pe. Bruno Facciotti – Ed. Estigmatinas – Roma 1996 – A vida comum – págs. 95-97).



O ESTUDO, MEIO DE PERFEIÇÃO ESPIRITUAL

Aos que se preparam para se tornarem missionários apostólicos, Pe. Gaspar em suas Constituições apresenta a “estudiosidade” como elemento de perfeição pessoal, como meio para controlar a avidez cultural, como dura ascese contra a negligência e indolência e como esforço para colocar em ordem a própria vida.

Pe. Stofella, apresentando o currículo dos estudos de Pe. Lenotti, observa: “O estudo é concebido como ato de virtude e autêntico serviço de Deus. Como tal enquadra-se naquele culto da perfeição religiosa que constitua nos Estigmas a essência cotidiana da vida”.

O jovem Lenotti, plasmado por Pe. Gaspar, anota os seguintes propósitos: “Procure que todas suas ações sejam feitas não por hábito, mas com fervor, com espírito. Portanto, o estudo, o canto, por amor de Deus, sempre seja feito com diligência e com a finalidade de agradar a Deus. Em toda sua ação procure achar e ter em mira a glória de Deus e o seu desprezo e abnegação”.

Pe. Gaspar transcreve, tornando-as próprias, páginas e páginas do TRATADO DOS ESTUDOS MONÁSTICOS do Pe. João Mabillon. Nele encontramos expressas as convicções de Pe. Gaspar.

“Os mosteiros não foram instituídos para que fossem academias de ciências; mas as ciências foram aí cultivadas enquanto pudessem auxiliar a perfeição religiosa”.

Pode-se objetar que o mau uso dos estudos pode trazer perigos para os religiosos.

“Parece que a ciência se oponha diametralmente ao espírito de humildade e ao fervor da penitência: Assim é muitas vezes, quando a ciência não é acompanhada e sustentada por uma contínua prática de virtude, principalmente da caridade e da humildade; por isso é necessário que antes de aplicar-se a ela os religiosos estejam bem consolidados nas virtudes; e ainda, afastá-los se eles abusam dos estudos. Não se deve porém afastar todos de um modo geral. A ignorância tem mais soberbos que humildes”.

“Santo Agostinho escreve: O Apóstolo afirma: ‘A ciência incha, ensoberbece (1Cor 8,1). E daí? Preferis por isso fugir da ciência que impregnar-se dela? A ignorância é melhor que a ciência? É melhor, ao contrário, opor-se a esses perigos com outros meios... se os estudos forem bem feitos, produzirão efeitos totalmente contrários aos perigos acenados”.

Antes, se nos mosteiros não se estuda “as comunidades cairão num torpor de engenho e letargo de intelecto, donde nem pelas mais fortes exortações dos superiores, nem por qualquer outra leitura privada de livros, poderão os monges serem estimulados. Daí seguirá a indocilidade... depois os defeitos de obediência e de toda virtude... finalmente o tédio na recitação dos Salmos, que não se entendem mais... odiar-se-á a ‘*Lectio*’ e assim as demais obras”.

No início de uma instituição o fervor pode suprir a falta de estudos, “mas é preciso refletir também que esse fervor de espírito não dura muito, se do alimento da ciência não se nutrir e se fortificar continuamente. Assim acontece desde o início da Igreja...”.

Perdoem-me a longa citação, mas a considerarei importante, porque me parece que o Padre Fundador estivesse convencido que sem o sustento (“*amminicolo*”) dos estudos também o seu Instituto (como o da Naudet) teriam perdido impulso, arrojo até desvanecer-se, corromper-se e terminar miseravelmente.

Escreve à Naudet: “Não se poderá conservar (o vosso Instituto) sem o sustento de grande conhecimento em seus diversos membros; o primeiro germe de corrupção desta grande obra será a ignorância, ou o que equivale, também saber muito e saber mal, que ter perdido o bom gosto”.



(*RITORNO ALLE SORGENTI* – Pe. Bruno Facciotti – Ed. Estigmatinas – Roma 1996 – A vida Comum – págs. 76-79).

POBREZA BERTONIANA

... historicamente toda ruína nos Institutos religiosos começou quando, um pouco por vez, a pobreza foi abandonada, e ao contrário toda renovação partiu dali: do reencontrado amor à pobreza. Também Jesus Cristo no Evangelho diz que não se pode servir a Deus e a mamona. Portanto, mamona é o anti-Deus a ser odiado.

Estas reflexões têm só a tarefa de provocar uma verificação pessoal e comunitária sobre o argumento, para que cresça em todos o desejo de realizar um estilo de vida sempre mais evangelicamente pobre.

Se sobre as expressões da castidade religiosa não existem discussões, sobre a pobreza e o modo de vivê-la existem mil opiniões. O discurso sobre a pobreza é muito amplo e atinge numerosos aspectos da vida.

As congregações religiosas tiveram e têm modos muito diferentes de viver a pobreza.

Os tempos, os lugares e as inspirações particulares do Espírito são as coordenadas das variações. Todavia parte sempre de uma única palavra de Jesus: “Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens, dá-os aos pobres e depois vem e segue-me” (Mt 19, 21).

Deixemo-nos cativar por esta proposta e conduzidos pelos SS. Esposos e por São Gaspar penetremos no jardim da pobreza.

POBREZA PARA COMEÇAR A OBRA

S. Gaspar, nos Exercícios aos sacerdotes, comenta o texto de S. Lucas 14,28: “Quem de vós, querendo construir uma torre, não senta primeiro para calcular a despesa, se tem os meios de levá-la até o fim?” A torre a ser edificada é Cristo e como diz S. Tomás, “a perfeição da vida cristã”. A despesa para a construção da torre é a renúncia dos próprios bens.

O trecho nos leva imediatamente àquele mais conhecido do Memorial Privado: “Para começar a obra é preciso ter adquirido grande e heróica virtude. ‘É necessário a pobreza, e depois todas as outras virtudes’ (23.07.1809). Esta agudíssima observação não pode ser outra coisa senão o fruto de longas e atentas reflexões pessoais e ao mesmo tempo indicação clara de um projeto bem definido, mas ainda, mais lúcida apresentação para realizá-lo!

A pobreza de Pe. Gaspar

Vejamos rapidamente como Pe. Gaspar “adquiriu” a pobreza, para começar a obra do Instituto.

Pe. Gaspar não nasceu pobre. Sua família é abonada, meio-burquesa, tranqüila, socialmente respeitada, bem vista. Se acolhe a pobreza como importante é porque a escolheu preparando-se progressivamente para amar tal escolha com gestos significativos, desde jovem.

Ainda adolescente, em uma idade em que a aparência é tudo, decide mudar o corte de um terno novo. Uma escolha que revela caráter e demonstra idéias claras.

A pobreza caracteriza.

Marca.

Distingue, com ótica evangélica, não burguesa.

Mas a sua pobreza é também aceita por causa de uma mudança de época que vê despedaçar-se as velhas hierarquias, pela criação de novos relacionamentos sociais, que arrastam a herança da família. Eis um reflexo muito explícito: “Alegria na adversidade e conseqüências na pobreza real, com agradecimento ao Senhor e oferta para coisas maiores de opróbrio e de pena, se me dignasse dar” (MP 22.10.1808).

Desde jovem clérigo delinea bem o seu estilo, habituando-se ao contato com os pobres e os últimos no tirocínio da Evangélica Fraternidade. As noites nas cabeceiras forjam...

Ainda jovem padre escolhe um tipo de vida simples, modesto, muitas vezes autenticamente pobre, só com a mãe, procurando aprofundar e aperfeiçoar a sua preparação. Não faltam os sinais claros: estudo incansável em ambientes frios, os desastres financeiros do pai, que agravam a já difícil situação política, as perseguições da polícia francesa, as opressões, as calúnias, as incompreensões, solidão moral..

Este relacionamento progressivamente livre e libertador com sua família caracteriza um estilo, em uma época em que o padre estava muitas vezes a serviço direto dos interesses exclusivos da própria família. Adverte diretamente os padres: “As despesas para edificar a torre (isto é, seguir Cristo) são as grandes renúncias: aos parentes e às coisas” (MS 5398).



(*RITORNO ALLE SORGENTI* – Pe. Bruno Facciotti – Ed. Estigmatinas – Roma 1996 – Pobreza Bertonianiana - págs. 112-114).

POBREZA BERTONIANA (continuação)

POBREZA E GRATUIDADE

Este ideal é sintetizado no célebre “*Grátis omnino servire Deo et Ecclesiae*” (CF 3). É uma coluna das Constituições.

Uma gratuidade fruto da pobreza, de mil matizes: “Jamais preceder Deus... mas esperar que seja Ele a manifestar a sua vontade”:

- ministério completamente gratuito (CF 184);
- nada de cofres na igreja, nada de legados...
- recusa absoluta de heranças não testemunhais e não necessárias (Ep. P. 365);
- nada de proselitismo para a sua Congregação, contudo transformando a escola em um viveiro vocacional;
- oferta ao Papa Gregório XVI e depois aos Jesuítas de toda sua obra, em um total abandono, espiritual e externo;
- confiança constante na Providencia para a localização e depois para a construção do Convento dos Estigmas, seguindo o critério limpidíssimo já sugerido à Leopoldina: “Não sente com quanta força nos grita o Evangelho: ‘Procurai primeiro o Reino de Deus, e estas coisas vos serão acrescentadas’? ‘Não vos preocupeis com o amanhã’ e que quem abandona por amor da glória de Cristo uma casa, o Senhor lhe abrirá cem?... Aliás a própria razão não diz que cabe à esposa estar preparada para agradar ao esposo e ao esposo cabe o encontrar a casa e para lá conduzir a esposa?” (Ep. P. 86).

Esboça-se na perspectiva desta espiritualidade de pobreza-abandono a devoção aos Santos Esposos, sentidos concretamente como patronos solícitos, a quem confiar nas dificuldades, mas também modelos bem formados, “dos quais quem dá o nome a esta fraternidade pode aprender o amor à pobreza...” (Compêndio Marani).

POBREZA E CARIDADE FRATERNA

A pobreza não é fim para si mesma, mas meio para amar mais. Uma vez que nada divide tanto quanto a posse de bens, Pe. Gaspar insiste muitíssimo nas suas Constituições sobre a dimensão comunitária da pobreza. Na vida religiosa: não à propriedade privada, nada é meu, mas tudo é de todos!

Se a situação da época sugeria prudência, isto é “que ninguém se espolie do que é seu, mas sim do afeto e do direito de administrá-lo” (Ep. p. 228 e CF 104).

É a pobreza, junto com a obediência e a humildade, o meio característico que favorece a união fraterna.

“Mas o meio característico é o da pobreza, em sumo grau próprio do religioso em razão do voto, como S. Basílio ensina esplendidamente: ‘No estado religioso todas as coisas são comuns, os corações, as mentes, os bens e tudo o que é necessário para o sustento e o teor da

vida: comum Deus, o exercício de piedade, as fadigas, etc!’ A mesma coisa diz Cassiano, referindo-se às palavras dos Atos IV: ‘Tinham um só coração e uma ‘uma só alma’; e observa que logo depois se diz: ‘e todas as coisas lhes eram comum’” (CF 226).

POBREZA E ESCOLHA PREFERENCIAL PELOS POBRES

Pode-se perceber neste ponto também uma série de escolhas feitas por Pe. Gaspar, para responder a situações precisas de pobreza e marginalização. Uma resposta que só um olho aperfeiçoado pela partilha e um coração treinado pela generosidade podia acolher.

A acolhida aos pobres que diariamente batiam à porta dos Estigmas em número relevante (50 a 70 por dia), para os quais havia aprontado uma “mesa”, também essencial, e o socorro “abrindo a mão a tantas outras pessoas necessitadas entre as quais algumas recebiam grossas esmolas...” (Sum. Add., p. 177).

A fundação dos Abandonados, um bairro pobre e abandonado, um bairro tipicamente popular... exercício para o zelo de Pe. Marani e depois do Pe. Francisco Benciolini.

A catequese da IV classe: grande meio educativo, ocasião concreta para a formação de adultos.

Entre os infectados, a memória de um S. Jerônimo Emiliano ou de um S. Luiz, também nós estigmatinos temos, no Pe. Mateus Farinati, o nosso primeiro mártir.

Entre os condenados à morte, em um gesto de paterna misericórdia, dentro da tristeza dos cárceres austríacos, na extrema pobreza de escolhas essenciais e eternamente determinantes.



(*RITORNO ALLE SORGENTI* – Pe. Bruno Facciotti – Ed. Estigmatinas – Roma 1996 – Pobreza Bertoniana – págs. 119-121).



O SUPERIOR GERAL A TODOS OS VENERÁVEIS PADRES E DILETOS IRMÃOS
DO INSTITUTO RELIGIOSO DOS PADRES DOS SAGRADOS ESTIGMAS
DE N. S. J. CRISTO

No dia 04 de novembro de 1816 o nosso Venerável Fundador tomou posse dos Estigmas e passou a viver aí com o Pe. João Maria Marani e o Ir. Paulo Zanoli, com a finalidade de por em prática as inspirações que recebera do Senhor. Naquele dia, pois, teve início a nossa querida Congregação que completará no dia 04 de novembro próximo o seu primeiro século de existência. Nessa data centenária a Congregação encontra o mundo em condições muito semelhantes àquela em que nasceu. Naquele tempo sentiam-se os efeitos desastrosos de uma crise mundial recém terminada, enquanto a crise que hoje aflige o mundo encontra-se no período mais agudo e nós sentimos todos os horrores de uma guerra cruel e a preocupação pelas conseqüências que seguirão para a religião e para a sociedade. A lembrança do nosso início nos deve servir de conforto no momento atual. Foi justamente o espetáculo desolador da devastação ocorrida no campo religioso por tantas aberrações humanas, no princípio do século passado, a ocasião de que Deus se serviu para inspirar ao nosso Ven. Fundador a idéia de um novo instituto religioso; mostrando assim com novos argumentos como a Divina Providência se utiliza, para conseguir suas finalidades, até mesmo dos mais graves extravios da humanidade.

Não me parece conveniente fazer comemorações festivas nas circunstâncias em que vivemos. Convido, pois, com a presente circular, todos os confrades, para celebrar o dia de tão grande ocorrência com alguma cerimônia religiosa de caráter familiar e íntimo, com a finalidade de agradecer a Deus, todos os benefícios neste século de existência da nossa Congregação, de aplacar a justiça divina, de conseguir a graça de aceitar tudo aquilo, que como justo castigo de nossas culpas e dos outros, o Senhor possa permitir.

Peçamos sobretudo que o Senhor nos conceda, ainda que a custo de algum sacrifício, conseguir o segredo dos santos, com o qual os nossos primeiros padres souberam conciliar muitas coisas, que segundo os critérios humanos são totalmente irreconciliáveis. Os nossos antepassados, de fato, souberam unir:

1. A busca contínua da maior humildade, tida como característica sua vivida, com uma ilustre fama de santidade.
2. A penitência mais austera com a mais sincera alegria.
3. Um heróico desinteresse e um verdadeiro espírito de pobreza, com as despesas da construção da casa e da igreja, feitas sem dívidas e procurando sem economia a perfeição e o decoro.
4. A disciplina perfeita com a mais variadas multiplicidade de trabalhos.
5. A submissão mais completa com o pleno desenvolvimento das atividades particulares dos confrades.
6. O constante estudo e trabalho com a mais sólida piedade.

Essa conciliação representa o segredo dos santos; isso é um mistério para o mundo, e justamente por isso manifesta o caráter divino das obras de Deus. Esse segredo deveria ser a preciosa herança que os nossos primeiros padres nos deixaram. Se nós o perdemos um pouco, o Senhor pode nos conceder de novo. E o nosso reconhecimento humilde de havê-lo perdido em parte, e o vivo desejo de reconquistá-lo novamente, são as condições que o Senhor espera, para nos conceder esse dom importante, que seria para nós a mais bela celebração do nosso centenário.

Para facilitar a conquista de tal graça poderá contribuir a aprovação apostólica das nossas Constituições, que esperamos nos seja concedida neste ano.

Anuncio ainda que, como lembrança de tão faustosa ocorrência, estão sendo publicadas as memórias históricas do nosso Instituto religioso.

Desejo de coração as bênçãos celestes a todos.

Roma, 24 de outubro de 1916.

O Superior Geral
Pe. João Batista Tommasi.



(Da introdução da “Breve Cronaca”, pág. 5)

MISSÕES POPULARES

A validade pastoral

Início o argumento das Missões Populares (M. P.) ou paroquiais apresentando-lhes algumas reflexões sobre a validade deste ministério pastoral. Para entrarmos no argumento apresento os pontos essenciais de uma pregação de São Gaspar sobre o benefício das Missões.

É o esquema preparado para as Missões de S. Firmo em 1816. pelo seu conteúdo essa é a clássica pregação de abertura de Missões e nela Pe. Gaspar, “com voz de leão”, apresenta aos seus ouvintes as vantagens espirituais das M. P. Nesta pista ele apresenta os elementos fundamentais deste ministério profético:

- Os protagonistas: os missionários e o povo cristão (em particular, cada um dos fiéis);
- O escopo: reconciliar os fiéis com Deus, iluminar as almas sobre os danos provocados pelo pecado (a ignorância e a perversão da vontade) e conduzi-las à salvação através da conversão pessoal;
- Os meios: a Palavra de Deus (a espada) e os Sacramentos (as chaves do Reino de Deus).

Nos tempos de S. Gaspar as M. P. conservavam ainda toda a validade pela qual foram idealizadas. Já há dois séculos muitas ordens religiosas e a nata dos Santos previram nas M. P. uma excelente forma de apostolado, que supriam as carências da modorra pastoral ordinária. A ignorância das verdades fundamentais da fé, da Bíblia (livro proibido) era grande, sejam nas cidades como ainda mais nas pobres e analfabetizadas zonas rurais. Os catecismos existiam, e bons, mas eram poucos os sacerdotes zelosos que organizavam o ensino catequético.

Pelo conflito doutrinal com os protestantes acentuava-se o “ex opere operato” da graça na vida sacramental.

O analfabetismo difundido e a pobreza, favoreciam na população uma religiosidade natural feita de devoções, de medos, de sentimentos de inferioridade e de submissão medrosa à autoridade religiosa e civil.

O povo vivia as fases da vida debaixo do ritmo das estações, do sol e das luas.

Tirando uma faixa de pessoas cultas, em geral era gente muito menos complicada e obstruída que nós, sensibíllissima às novidades, aos sinais concretos e disponíveis a colocar-se em discussão.

As Missões eram uma novidade na aldeia ou na cidade, eram um curso acelerado de catequese. Os missionários usavam linguagem simples e clara dos sinais: as procissões, os sinos e os cânticos; a aparência dos pregadores e sua flagelações em público, as vigílias noturnas pelas ruas, estátuas que se moviam, ficavam fortemente impressas.

As Missões eram o anúncio do “Kerygma”, feito com força e autoridade pelos missionários enviados pelo Bispo. Um anúncio que tocava a mente, o coração, a fantasia, os sentimentos, a vida dos ouvintes, para levá-los a uma mudança de vida ou a uma renovação de fervor. As pessoas choravam, batiam no peito, iam se confessar. As famílias superavam os rancores e os ódios inveterados, os inimigos se reconciliavam entre si...

Era um pequeno Pentecostes.

Foi exatamente a experiência pessoal da missão de São Firmo que convenceu São Gaspar da validade das M. P.

No segredo do confessor São Gaspar tocava com as mãos os frutos do anúncio extraordinário da Palavra e se maravilhava que a estultícia da pregação provocasse tantas e tão sérias conversões.

“Não é a voz do homem que converte, mas a de Deus” (Ms 4040).

Quanto se possa pensar que a conversão não fosse superficial ou passageira o podemos intuir do discernimento que era dotado e pensando na sua capacidade de diretor de almas. Certamente São Gaspar sabia e lia notícias referentes às M. P. ou exercícios espirituais ao povo que eram pregados ao seu redor, na Itália e no exterior e louvava a Deus pelas maravilhas que aconteciam.

Mas foi a experiência que lhe abriu os olhos e que sentiu como “vocação para si e para o seu Instituto a serviço da Igreja”.

As M. P. eram em certo sentido, a síntese do serviço missionário.

No restante de sua vida São Gaspar e seus discípulos não puderam exercitar seu ministério nessa forma particular, mas exercitaram o ministério profético (= Palavra) em outros modos possíveis: homilias, retiros, exercícios espirituais, tríduos, novenas, aulas, ensino da catequese e de teologia, direção espiritual, confissões, conversas pessoais, assistência aos encarcerados, oratórios, quarta classe...

A Missão apostólica do nosso Instituto é, parece-me, a mesma de Jesus, que foi enviado para “anunciar aos pobres uma boa nova, para proclamar aos presos a liberdade e aos cegos a vista, para libertar os oprimidos e pregar um ano de graça do Senhor (Lc 4,18s).

O missionário apostólico nas M. P. torna vivo Jesus, Palavra do Pai, que vai de cidade em cidade para anunciar o Reino de Deus, ensinar e chamar os homens para a conversão.

“As multidões o cercavam, o rodeavam e queriam segurá-Lo para que não se afastasse deles. Ele porém disse: ‘É preciso que eu anuncie o Reino de Deus também em outras cidades; para isso fui enviado’. E continuava pregando nas sinagogas da Judéia” (Lc 4, 42-44).

Nas M. P. somos como os setenta e dois discípulos, embaixadores e mensageiros que Jesus envia diante de si em cada cidade e lugar onde estava para chegar (cf. Lc 10, 1-3). Enviou-os como operários para sua messe, como ovelhas entre os lobos e recomendou-lhes a pobreza e levar a paz para todas as casas.



(continua)

(Ritorno alle Sorgenti – p. 182-186)

MISSÕES POPULARES
(continuação)

As Missões Populares, hoje

Mudaram-se muitas coisas no mundo e na Igreja, para melhor e para pior. Todavia este ministério, com algumas adaptações, conserva sua validade pastoral.

Mudanças atuais. Em quase todas as paróquias o catecismo é regularmente ensinado às crianças e aos jovens. Associações, grupos de jovens, de famílias, pequenas comunidades, movimentos eclesiais são por toda parte operantes e empenhados em vias de aprofundamento da própria fé. A Igreja local toma sempre mais consciência de uma evangelização sistemática, os leigos estão sempre mais responsáveis e preparados.

Mas devemos também registrar, negativamente, uma indiferença sempre maior à prática religiosa e aos sacramentos. Uma grande confusão de idéias no campo da fé, um subjetivismo religioso que leva ao relaxamento moral.

Nas cidades: a perda do sentido de pertença a uma comunidade paroquial e cristã. A queda de valores. Assalto selvagem de mensagens de todo tipo da mídia...

Bah!... não posso certamente pretender descrever em duas linhas a situação do nosso País, que entre outros está debaixo de nossos olhos todos os dias. Nesse contexto, pois, que utilidade ou benefício podem trazer as Missões? O que podem mudar em dez dias, catorze dias de Missão? Pela minha pobre experiência no setor posso responder assim: devemos ser realistas e não pretender das M. P. resultados que não podem dar, nem exaltá-las como remédio infalível para todas as doenças pastorais.

Serviço Eclesial

As M. P. são um serviço eclesial ainda procurado em nossas regiões e que o Papa exorta a serem retomados. São uma intervenção extraordinária em auxílio da pastoral ordinária.

A eficácia depende, além da graça de Deus e da disponibilidade dos fiéis, da preparação (pré-Missão), da continuidade (pós-Missão).

As Missões, hoje, têm como finalidade objetivos pastorais bem precisos de duas espécies: com finalidade organizativa e com finalidade catequética.

Missões com finalidade organizativa: construir pequenas comunidades de participação através de Centros de Audiência; estimular a participação dos fiéis à vida comunitária, organizando os grupos ministeriais: litúrgico, caritativo, missionário, catequético, de voluntariado, especificando possíveis colaboradores; acalmar tensões entre grupos e associados; despertar o sentido de pertença em paróquia novas ou da cidade.

Missões com finalidade catequética: são as Missões – Exercícios espirituais sobre temas particulares, como a Bíblia, a Família, a Igreja, os Sacramentos, a Liturgia e argumentos propostos pelas Dioceses.

Pela experiência adquirida nestes anos, vimos que o bom termo de uma M. P. depende muito da preparação. Se o pároco, o Conselho pastoral e as associações leigas criam um clima de espera, se sensibilizam as famílias da cidade ou da paróquia ao acontecimento, é provável um fruto abundante. Se, pois, o intensíssimo e massacrante trabalho dos missionários encontra “in loco” quem continue o cultivo das sementes espalhadas, então aquela comunidade crista reflorescerá. O retorno de um ou mais missionários depois de um certo tempo, ou periodicamente, torna-se verificação e encorajamento.

Kairós: ocasião favorável de salvação.

Além das finalidades acima, parece-me que não devem absolutamente ser calados outros resultados menos visíveis, mas não menos importantes aos olhos daqueles que disse: “haverá mais alegria no céu por um pecador convertido que por noventa e nove justos que não precisam de conversão” (Lc 15,7).

Falo das mudanças interiores. Os missionários, sacerdotes e leigos têm muitas ocasiões de chamar à conversão os fiéis; as liturgias, os momentos de catequese e de oração, os encontros de setores, os Centros de Escuta, a visita ao cemitério. Mas sobretudo há o momento do encontro pessoal do missionário nas confissões e na visita às famílias.

A “conversatio cum proximis” encontra nas Missões o momento mais carismático: é Jesus no poço de Siquem com a Samaritana (MS 403); é Felipe que se encontra com o eunuco de Candace (At 8,26ss).

Quando você bater à porta de uma família, deve esperar de tudo: se encontra com o passado de pessoas, ainda da mais distante, que lhe faz presente de um pedaço da própria história. Encontra-se na família feliz pelo nascimento de uma criança, ou, mais freqüentemente, com a história de incríveis sofrimentos, abandonos, solidões, doenças, incompreensões...

Ao missionário, muitas vezes, abrem as portas também os afastados, que não vão à Igreja há vários anos, que escolheram ser ateus...

Uma escuta comovida, uma palavra amiga, uma espera, podem desatar nós complicados, podem abrir corações endurecidos.

Auxílio aos sacerdotes.

A respeito, durante as Missões, desejaríamos que o pároco presidisse muitas celebrações. Auxiliemo-lo, aconselhem-lo, e ouçamos seus conselhos. A alegria e a presença dos missionários para os sacerdotes é como uma dose de oxigênio.

Não com todos, mas com muitos padres, párocos ou cooperadores, inicia-se um relacionamento de amizade sacerdotal que muitas vezes continua.

Será pouco, mas melhor que nada deste deserto de afetos.



(Ritorno alle Sorgenti – p. 186-190)

OS ESTIGMAS DA PAIXÃO

CONTEMPLAR AS FERIDAS DO CRUCIFICADO, AS CICATRIZES DO RESSUSCITADO

Cristo ao terceiro dia ressurgiu da morte para a vida, livre de toda dor, impassível, refulgente como o sol. Ele traz ainda impressas no seu corpo as cicatrizes das Cinco Chagas, como insígnias do triunfo da sua misericórdia, e como insígnia gloriosa da sua justiça. Ele com estas alcançou a vitória sobre a morte e o inferno, satisfez o divino Pai pelos nossos pecados. Estas feridas Ele mostra continuamente aos olhos dele, implorando piedade por nós pecadores; estas são fontes perenes de graça e de auxílios celestes.

Ele as mostra também para nós para convidar-nos a amá-Lo e a sofrer por Ele. E que desejos não devem elas infundir-nos de padecer por Cristo! As Chagas do Redentor são tantas bocas, que nos ensinam como é precioso sofrer por Ele.

Tenhamos, pois, sempre fixos os nossos olhares naquelas santas Chagas, para animar-nos a suportar pacientemente as provas e os trabalhos da peregrinação terrena, a levar também nós a nossa cruz com a esperança da coroa. De outro modo nos tocará vê-las no dia do juízo para nossa confusão e vergonha: “Olharão para Aquele que transpassaram” (Jo 19,17).

Coragem, coragem; com os olhos da fé admiremos as chagas daquele Deus de misericórdia que pende da cruz, e desta contemplação que força não tirará o nosso coração para combater valorosamente nas tentações, para suportar as tribulações, a pobreza, a doença! Detenhamo-nos nas feridas do Crucificado e depois contemplemos as cicatrizes do Ressuscitado: assim veremos como é verdadeiro, – e diz o Salmista – que muitas são as tribulações dos justos, mas Deus de todas elas finalmente nos libertará (cf. Sl 33,20) e nos dará uma coroa eterna no Céu.

OS ESTIGMAS DE CRISTO IMPRESSOS NO CORAÇÃO

Se não tendes as asas da águia que voa para as estrelas, tende as penas da simples pomba que nidifica nos rochedos e meditai as feridas de Jesus Cristo. O humilde Francisco encontrou mais santidade na meditação da paixão de Cristo que não todos os sábios na contemplação do céu.

Lembra-vos continuamente que “quanto mais fores elevado, mais te humilharás em tudo” (Eclo 3,20); e se não podes estar em uma casinha com o corpo, estai com o espírito “nas fendas do Rochedo” (Ct 2,14), nas Chagas do nosso amabilíssimo e humílimo Salvador, onde eu vos deixo abraçando-vos com todo o coração.

Imaginai ver o Ressuscitado como apareceu aos discípulos tão vivo e luminoso, com as cicatrizes das Chagas, enquanto chama também vós para o céu ao qual se dispõe a voltar: “vou preparar-vos um lugar” (Jo 14,2). Considerai as condições e o caminho para chegar ao céu.

Cristo aí entrou com as cicatrizes das suas Chagas: eis o preço com que comprei este reino, nem se pode conseguir por menos.

No mais permaneci alegres. E quando vos ocorrer um pouco de alegria, voai com o pensamento ao quartinho do Pe. Miguel, se não tendes sempre as asas prontas para pairar sobre as nuvens no seio do vosso Deus, e nas Chagas gloriosas do vosso Salvador. Sentai aí como um do seu povo, na beleza daquela paz.

OS ESTIGMAS DE CRISTO E A NOSSA ESPERANÇA

Não é verdade que se estávamos amargurados pela culpa, pela tentação ou qualquer outra dificuldade, colocando-nos aos pés do Crucifixo nos sentimos consolados à vista de suas chagas? Que consolo vê-lo com aqueles braços abertos em ato de abraçar todos no seu peito! Ver aberto seu coração, quase para mostrar que nos quer esconder todos lá dentro. Ver sua cabeça inclinada quase procurando-nos para levar-nos ao paraíso!

Jesus é verdadeiro amigo que nunca se esquece de nós. Ele desenhou aí seus fiéis nas suas mãos com as cicatrizes das feridas recebidas e que levará sempre sobre si; aí ele desenhou com seu sangue, e de modo tão profundo que nem o tempo nem a eternidade as poderá jamais tirar. Da nossa parte nós procuraremos ter sempre no coração o nosso amigo Jesus e agir sempre por seu amor, que bem o merece.

Tenhamos sempre os olhos fixos sobre Cristo, autor e aperfeiçoador da nossa fé (cf. Hb 12,2). Suas Chagas, seu Sangue, são a nossa esperança. Um Deus morto por nós e morto no meio de tantos tormentos e tantas humilhações, que doce esperança não é? Ele subiu ao céu, onde mostra ao divino Pai as cicatrizes das suas Chagas para movê-Lo à piedade de nossas misérias e salvar-nos. Fiquemos unidos a Jesus e à sua Cruz; e nem a morte nem a vida nem as potestades todas da terra ou do inferno poderão jamais nos separar dele.

CRISTO NO JUÍZO COM SEUS ESTIGMAS

Sentará Cristo no seu trono, e então todos “olharão para aquele que transpassaram” (Jo 19, 37). Haverá também um trono para Maria e para os Apóstolos. Dirá Jesus: Vede estas Chagas, foram abertas por vós; este sangue derramei por vós, com ele vos lavei no Batismo.

Naquele dia nos salvarão somente as nossas boas obras. Demo-nos então ao exercício assíduo de boas obras. E depois atiremo-nos aos pés de Jesus como para dizer-lhe: Ah! Senhor, não haverá um lugar para esconder-me, mas agora sim o encontrei: aquelas chagas que abri com meus pecados. Esconde-me nas tuas feridas!

E depois contamos com Maria. Naquele dia encontraremos com ela saudando-a como Mãe, advogada, rainha. E ela, voltando-se a Jesus, lhe dirá: Eis este teu e meu filho, vindo para ficar conosco no Paraíso. Este foi meu devoto, e não satisfeito de obsequiar-me ele mesmo, promoveu a minha devoção com os amigos, com os familiares, com os filhos. Agora veio para receber a recompensa.

Então Jesus voltará a nós o seu rosto benigno, lançará seus braços em nosso pescoço, nos agradecerá, sim nos agradecerá pela devoção para com sua Mãe, e como recompensa nos dará a beijar as suas Chagas. Só pensar nisto já nos consola acima de toda medida; o que se dirá então o prová-lo?



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)

NA ESCOLA DE CRISTO CRUCIFICADO

DISPOR-SE A SOFRER COM CRISTO PARA REINAR COM ELE

Cristo quis revelar a seus Apóstolos muitas vezes, e em diversas ocasiões, os sofrimentos da sua paixão e morte. A primeira foi quando Pedro fez a sua esplêndida profissão de fé confessando que Ele era “o Cristo, o filho de Deus vivo” (Mt 16,16). A segunda depois de haver curado o epilético endemoniado, quando “todos se admiravam de tudo o que Ele fazia” (Lc 9,43). A terceira quando tomando à parte os Apóstolos ao longo do caminho disse-lhes: “Eis que estamos subindo a Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos sumos sacerdotes e aos escribas, que o condenarão à morte... mas ao terceiro dia ressuscitará” (Mt 20,17-19).

Com isto o Senhor quis preparar seus discípulos para enfrentar com coragem e constância seus sofrimentos. É significativo o fato que Ele revelou-lhes sua próxima paixão nos momentos em que se viu honrado e exaltado, ou pela confissão de Pedro ou pela grandeza dos seus milagres, dispondo assim os Apóstolos nos dias de glória e de alegria, para aquilo que viria depois nos dias de dor. Como para dizer-lhes: “Do momento que vindes a mim, preparai-vos também para sofrer comigo, afim de que não fracassemos na fé e no amor”. Jesus, doce Mestre, onde subirdes também eu quero subir, pois padecer convosco é exatamente subir e avançar, não descer; e se eu for em vossa companhia não tenho nada que temer, porque terei sempre por perto o vosso auxílio. Convosco quero padecer nesta Jerusalém da terra, para reinar convosco na Jerusalém celeste.

A MAIS PÉRFIDA DAS TRAIÇÕES

Não é coisa nova no mundo, que um inocente, um virtuoso, um benfeitor seja traído por um amigo, e muitas vezes o mais beneficiado. Todavia, assim como não se pode encontrar um mais inocente e melhor que Jesus, nem por outro lado, um mais beneficiado e mais íntimo com Ele que o traidor Judas, assim se pode dizer que não houve antes, nem haverá depois uma traição mais pérfida.

Que ferimento deve ter sido este para o coração de Jesus. “Minha alma está triste até a morte”, disse (Mt 26,38). “Se o ultraje viesse de um inimigo, eu o teria suportado” (Sl 54,13). Mas que um homem que me é tão querido, ao qual sei ter feito tanto bem, isto me transpasse o coração.

Eis que Jesus, sem dúvida, o mais forte e invencível, por livre escolha se sujeita como homem a sustentar o peso daqueles sofrimentos que provamos também nós, com a finalidade de satisfazer pelos nossos pecados. Ou melhor, seus sofrimentos são tanto mais graves quanto mais aguda é a consciência da sua mente e quanto mais fina a sensibilidade do seu coração. A fortíssima resistência com que Ele se opõe aos assaltos da dor que o aflige para nada vale senão para espremer das veias o sangue com tal força fazendo-o suar em grande quantidade: sinal inaudito de uma dor totalmente nova, de uma dor imensa.

“Amigo, que vens fazer?” (Mt 26,50). Judas se aproxima com ar pacífico e estende a mão a Jesus para abraçá-lo. Que fará agora o coração de Jesus? Como o acolherá de boa vontade, como p confortará dando-lhe o perdão! Efetivamente não o rejeita, o acolhe, deixa-se beijar. “Mas acrescenta, com um beijo tu me trais?” (Lc 22,48). Compreendamos então a perfídia suma desta traição. Judas tinha combinado assim com os soldados que deviam prender Jesus. E de fato, ao sinal combinado, eles se atiram sobre Ele, o amarram e o levam embora.

Traído perfidamente por um discípulo beneficiado, familiar, privilegiado, depois de tantos sinais de amor; traído por seus inimigos mais cruéis por uma soma tão mesquinha de trinta dinheiros; Jesus vê que será traído por tantos cristãos, e também sacerdotes, por Ele tão beneficiados! Que dor àquele coração, que angústia!

A SENTENÇA MAIS INJUSTA

Não se pode olhar sem provar uma intensa comoção Jesus inocente, sozinho, abandonado até mesmo pelos seus, diante daqueles juízes que são seus próprios inimigos. Estes procuram testemunhas, aliás as pagam, para que deponham falsamente; interrogam Jesus e ao mesmo tempo lhe negam a faculdade de falar. Se Ele cala, considera-se o silêncio como uma confissão; se Ele fala, com um tapa se lhe fecha a boca. Um tribunal onde a Justiça é toda emborcada, onde só domina a ira, o furor, a desordem.

Mas sigamos Jesus ao tribunal do Governador Romano, presumivelmente imparcial e razoável. Pilatos, tendo examinado Jesus sobre as acusações feitas a ele, e esclarecida sua inocência, percebe que os judeus só por inveja o queriam morto. Sai fora e protesta que não o encontra culpado de nada, tanto mais que o próprio Herodes, ao qual nesse meio de tempo o havia enviado, também ele o havia proclamado inocente. Por isso declara que depois de puni-lo com chicotadas, o colocaria em liberdade.

Mas como? Se Cristo é declarado inocente, se quer antes bater nele e depois libertá-Lo? Não obstante Pilatos, que conhece sua inocência, o manda flagelar. E não só, nega justiça a Jesus inocente condenando-o. o pior é que lhe é negada justiça também como réu no modo de infringir-lhe a punição. A todos os condenados são antes definidos pelos juízes os particulares da flagelação: Jesus é deixado à triste discricção dos carnílices.

É desagradável ao espírito referir ao atroz ludíbrio a que foi submetido o inocente Jesus quando os soldados, colocando em sua cabeça uma coroa de espinhos, o escarnecem com fingidas adorações como a um rei de brincadeira. Não se sabe dizer se é maior a dor ou a ignomínia.

Muitos, se sabe, foram condenados inocentes. Mas onde jamais se encontrou um juiz que antes defina não existir no acusado causa de morte, e depois o condena à morte?

Fazendo a Via Sacra, na primeira estação: Se eu inocente me deixo condenar, porque você réu de mil culpas, deseja com tanta solicitude, ser justificado por tudo perante os homens?



NA ESCOLA DO CRUCIFICADO (cont...)

O SUPLÍCIO MAIS ATROZ

O suplício de Jesus excede e sobrepuja todos os suplícios. Não só das mãos e dos pés, mas de todas as partes do corpo, todas chagadas, ele recebe ao mesmo tempo dores agudíssimas. Um dilúvio de penas, que brota e chove de toda parte do corpo e da alma, faz naufragar o coração.

E estas penas tanto sobrepujam toda humana experiência e avaliação quanto os sentidos de Jesus são mais perfeitos e por isso mais capazes de sofrer. O seu corpo, formado pelo espírito Santo no seio da Virgem, era o mais delicado e sensível, enquanto a alma, pela excelência da mente e amplitude imensa do coração, estava mais que disposta para receber em toda a sua fortaleza os motivos da tristeza.

Mas a força do amor – vem espontaneamente a pergunta – não diminui as dores de Jesus, ou ao menos suas tristezas interiores? Aquele amor tão forte que faz dizer: “Tenho sede” (Jo 19,28), sede da salvação das almas, sede de padecer exatamente pela sua salvação?

Ah, não! Aliás acrescentam desmesuradamente suas penas. Porque se ele as assumiu voluntariamente para libertar-nos do pecado, também as assumiu em tal quantidade que fosse proporcionada à grandeza da satisfação que pelos nossos pecados ele pretendia sofrer. Por isso, ele derramou todo o seu sangue, espremendo-o na prensa de um suplício que de todos é o mais atroz.

Oh vós que passais pelo caminho marcado pelas minhas penas – parece portanto convidar-nos Jesus – fixai em mim os olhares da vossa contemplação, e vede se há dor igual à minha dor (cf. Lm 1,12).

OS SOFRIMENTOS MORAIS DE CRISTO

Enquanto Jesus sofre assim terrivelmente, os carrascos lhe preparam um tormento particular, que eu julgo o tormento dos tormentos: diante de seus olhos insultam a sua desgraça, escarnecem dos seus gemidos, ridicularizam a sua dor. E chegam com isto a ferir muito profundamente o seu espírito.

Que ferida mais acerba para um coração enamorado que ver-se não só procurada a sua morte, mas sentir-se até na morte insultado por aqueles mesmos por cuja salvação ele morre? Que chaga profunda naquele coração já ferido pelos pecados de todos os homens! Em um coração que atribuía a si mesmo aqueles pecados como se fossem seus próprios delitos, com amaríssimo arrependimento!

Também os ladrões que estão crucificados ao seu lado o insultam. E Jesus? Apenas um deles se retrata e reconhece o seu erro, está disposto a dizer-Lhe: “Hoje estarás comigo no Paraíso” (Lc 23,43). Mas isto mesmo agrava suas dores. O ladrão se salva; o meu povo, a minha nação escolhida, o meu querido discípulo Judas se condena! Onde está a utilidade de

tanto sangue que eu derramo? A muitos este sangue servirá de julgamento, e esta cruz de escândalo! Assim dizendo suspira para o céu, depois inclina aflito o olhar, e aí! vê a Mãe.

Àquela visão as águas amargas da compaixão amorosa que haviam inundado o coração da Mãe voltam com toda sua cheia daquele mar amaríssimo ao coração do Filho, que já está repleto e transbordam. Chora Maria, e com ele chora João. “Mulher – diz Jesus – eis que de ora em diante será por mim teu filho” (Jo 19,26). E voltando ao discípulo: “Esta – disse – que devo deixar, será tua Mãe” (cf. Jo 19,27).

CONTEMPLAÇÃO DA PAIXÃO

Na oração comece por Cristo e por sua Paixão, depois deixe o espírito livre, se Deus o atrair.

Entre os frutos – e são muitos – que você colher da meditação da Paixão, um seja este: que não só tenha você que se arrepende dos pecados passados, mas que tenha também que se afligir porque vivem em você as paixões desordenadas que contribuíram para crucificar o seu Senhor.

Outro fruto é que você peça o perdão de suas culpas e a graça de uma perfeita aversão contra você mesmo para não ofendê-lo mais. Antes, peça que em recompensa de tantos sofrimentos por você, lhe conceda amá-Lo e servi-Lo perfeitamente para o futuro.

Terceiro fruto é que com grande esforço você persiga até a morte toa a sua inclinação desordenada, por menor que ela seja.

O quarto é que você se esforce com todas as forças para imitar as virtudes do Salvador, o qual sofreu não só para resgatar-nos satisfazendo pelas nossas iniquidades, mas também para dar-nos o exemplo e encorajar-nos a seguir suas pegadas.

Que devemos fazer nós por quem padeceu tanto por nossa causa: “que me amou e se entregou por mim?” (Gl 2,20).

SEMPRE COM CRISTO CRUCIFICADO

É digno da máxima atenção o que aconteceu a Pedro depois que o Senhor fez o primeiro anúncio da sua Paixão. O generoso Apóstolo havia apenas feito, depois de uma especial iluminação do Céu, a sua profissão de fé em Cristo, Filho de Deus vivo, que logo teve meio de manifestar também a grave maturidade que nele ficou pela natureza humana. Quando Cristo anunciou a sua próxima paixão, de fato, Pedro começou vivamente a protestar: “Deus não permita isso, Senhor, isto não te acontecerá” (Mt 16,22), mostrando assim quão pouco havia compreendido do mistério da Paixão.

Conhecemos a resposta de Cristo, terrivelmente dura: “Afasta-te de mim, Satanás! Tu és para mim um escândalo, porque não pensas segundo Deus, mas segundo os homens!” (id v. 23). Como se dissesse: você que me honrou confessando-me como Filho de Deus vivo, agora é meu adversário e tentador, porque contradiz a minha Paixão, procurando afastar-me dela, enquanto é vontade de meu Pai que eu a sofra. Você ainda está longe da sabedoria celeste que conhece e aprecia as coisas ordenadas por Deus, e se encontra ao contrário enredado na sabedoria humana e terrestre que julga segundo os critérios os homens. Vem atrás de mim e aprende a julgar as coisas conforme meus critérios.

Daí você vê que estima e apreço tinha Cristo pela sua Paixão e Morte, enquanto ordenada pela vontade do Pai para a salvação do mundo. E se vê também como Ele quer que tenhamos um grande conceito dos sofrimentos e das humilhações que também nós devemos encontrar para servir e obedecer a Deus; de modo que se alguém nos quisesse desviar disto – embora se bom amigo, e talvez também muito iluminado por Deus em outras coisas – o

tenhamos como tentador e pedra de escândalo. É estimar e amar aquilo que ama e estima Deus, e aborrecer e recusar o que Deus aborrece e evita.



VIDA DE FÉ

SUBLIMIDADE DA FÉ

Quero levantar minha voz como uma trombeta (cf. Is 58,1) e tornar conhecidas ao mundo as razões pelas quais eu me glorio da minha fé. São razões comuns a todos os que participam desta glória: primeiro, porque o fiel por meio da fé ama e glorifica o seu Criador; segundo, porque mediante a mesma fé e, por sua vez, amado e honrado pelo Criador.

Graças à fé de fato se tem de Deus um conhecimento e um apreço conveniente à mesma natureza divina, superior à capacidade da natureza humana. Olho não viu nem ouvido ouvir nem no coração humano jamais apareceu o que Deus tem escondido aos sábios e aos prudentes do mundo, o que ao contrário revela, por meio da fé, aos humildes e pobres de coração que o temem e o glorificam e crendo o amam (cf. Mt 11,25). Só a Deus compete o conhecimento e a compreensão de si mesmo; a nós convém andar humilde e docilmente atrás daquelas luzes que Ele se digna comunicar-nos. De Deus se deve aprender o que de Deus devemos entender, porque não se conhece senão o que Ele mesmo nos manifesta.

A fé, portanto, é um obsequio que a criatura inteligente presta ao seu Criador; obsequio, porém, nem estulto nem insensato, mas racional; e, portanto glorioso para quem reconhece na razão a mais bela honra e o ornamento da sua natureza. Crendo se torna o intelecto servo da fé (cf 2Cor 10,5); mas esta servidão não procede nem da insuficiência nem da ignorância. Não, porque isto é próprio justamente de um ânimo generoso e de um pensamento verdadeiramente racional, de uma mente verdadeiramente sublime e superior ao modo ordinário de pensar. Para crer pois coisas de Deus superiores à humana inteligência ocorre uma grande fortaleza de ânimo, juntamente com uma sincera e genuína caridade.

Certamente já honra a Deus quem se atem aos preceitos que Deus intima ao homem mediante a razão e que ele escreveu, por assim dizer, na natureza, mas o honra ainda mais aquele que a Ele se eleva por meio da fé.

DIFICULDADE DA FÉ

Tanto mais cresce a glória da virtude quanto maiores são as dificuldades que a ela se opõem. Ora quem crê tem necessidade de ânimo particularmente forte para combater e afugentar os pensamentos e os raciocínios contrários à fé. É uma batalha assaz dura e perigosa a que é necessário combater contra os próprios raciocínios. A fé reprime a arrogância de compreender o incompreensível. Ela nos torna atentos e vigilantes para estudar e meditar os mistérios revelados por Deus. Que glória é portanto, para a fé, conduzir o espírito humano ao porto da verdade, guiando-o felizmente ao porto da verdade, entre tantos escolhos!

Estas são dificuldades intrínsecas ao homem. Ora, enquanto no interior a fé é combatida pelos vãos arrazoados, no exterior se desencadeia a luta com inumeráveis adversários. “É necessário de fato – lembra S. Paulo – que hajam heresias para que se manifeste aqueles que no

meio de você são os verdadeiros fiéis” (1Cor 11,12). Contra a fé humilde se arma, pois a deslavada impiedade, que muitas vezes usa a força e a prepotência para oprimir o fraco, ou a astúcia e a fraude para enganar os simples.

E estes não são ainda os inimigos mais terríveis, pelo fato de que estes são manifestos e se deixam ver pelo que são. Nós temos que combater também outros espíritos iníquos (cf. Ef 6,12), isto é, os demônios, que ocultamente semeiam no campo da Igreja, como infausta cizânia, as heresias (cf Mt 13,24ss). Destes, pois, procedem, como de péssima fonte, tantos erros, ilusões e enganos.

Com tudo isto é necessário admitir que a maior dificuldade que o homem encontra para crer vem do próprio objeto da fé, isto é, Deus. Poderá parecer um paradoxo, mas justamente disto deriva também o máximo da glória que nós damos a Deus com a nossa fé. S. Tomás ensina que o que é mais certo em si mesmo se torna menos evidente a nós pela fraqueza do nosso intelecto, o qual diante das verdades mais patentes da natureza se encontra com o olho do morcego diante da luz do sol. Eis o motivo pelo qual a tantos acontece duvidar dos artigos da santa fé, que porém em si mesmos são certíssimos. Isto acontece não pela pouca certeza da coisa em si, mas pela fraqueza do nosso intelecto.

Quem será aquela águia generosa e de pupilas assim fortes que suporte o impetuoso rio de tanta luz, ou que penetre com o olhar perscrutador na profundidade deste oceano inacessível? O espírito de fé. “O Espírito de fato penetra tudo, mesmo as profundezas de Deus” (1Cor 2,10).

AGIR COM ESPÍRITO DE FÉ

Procurar só Deus, ver Deus em todas as coisas, isto é um tornar-se superior a todas as coisas humanas. Procure-se Deus só, e nada mais, nem consolações, nem complacências.

Não fiquemos escutando a voz da nossa tímida natureza. Pois para isto Deus nos fez participantes da sua natureza divina, a fim de que nós não vivêssemos nem agíssemos mais segundo a nossa, de modo que não devemos medir nossas forças na base da primeira natureza, mas da segunda que nos foi comunicada pela graça de adoção de filhos de Deus. Guardemo-nos bem de não impedir com tímidos pensamentos e afetos da primeira natureza os fortes e estupendos efeitos da segunda.

Deixemos que Deus entre livremente para tomar posse desta alma que Ele tanto ama e que procura unir a si. Reconheçamos o tempo de sua visita. Supliquemos a todas as criaturas e aos nossos sentidos para não perturbar esta alma quando ela repousa no tálamo do seu Senhor. Nada mais se requer. A seu tempo ele produzirá um fruto tão precioso, tão alto, tão nobre, digno de núpcias tão santas e sublimes.



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)

AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS

O NOSSO CORAÇÃO É FEITO PARA DEUS

Deus é o sumo Bem; nós somos miseráveis pecadores. Ora que coisa mais se pode condizer com uma bondade infinita, desejosa de comunicar sem limites suas perfeições, quanto o encontrar uma alma a qual, enquanto é capaz de receber em si todo bem, por outro lado é por sua parte totalmente carente e indigente? Também entre os homens os que são verdadeiramente liberais gostam de encontrar não já os que como ele sejam ricos, mas sim os mais pobres e necessitados, para espalhar com alegria em suas mãos suas riquezas. Quanto mais Deus!

Deus de fato, não satisfeito de atender e de encontrar os mais necessitados, vai em busca deles e os chama, gritando forte pela boca de Isaías: “Ó vós que estais sedentos, vinde à nascente das águas, quem não tem dinheiro vinde igualmente. Comprai e comei sem dinheiro e sem despesa, vinho e leite. Eia, se me ouvirdes comereis excelentes manjares e uma suculenta comida fará vossas delícias” (Is 55,1-2). Também Cristo declara: “O Filho do Homem veio para salvar o que estava perdido” (Mt 15,11), “para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

O nosso coração, por sua vez, foi feito por Deus de tal modo que fora Dele não existe outra coisa que possa ter proporção com Ele. De fato que outra coisa estão mostrando aqueles desejos enormes, aquele jamais saciar-se de algum bem ou prazer pelo qual nos aparecem sempre novos apetites, se não a desproporção existente entre os bens deste mundo e a amplidão do nosso coração; talmente grande e quase infinito nos seus desejos que nada pode lhe convir senão um bem igualmente infinito.

RESPONDER AO AMOR COM AMOR

Refletirei como o homem Deus, desde o primeiro momento de sua vida até a morte, totalmente se consagrou à causa da salvação dos homens, conforme o mandado do Pai e o impulso do seu amor, de dar-se a si mesmo para nós. Por nós se encarnou; não agiu, não falou, não padeceu senão por nós; querendo que não ficasse uma só gota de sangue em suas veias, porque quis que fosse tudo derramado por nós. E tudo isto “para que os vivem já não vivam para si, mas para aquele que morreu e ressuscitou por eles” (2Cor 5,15).

Repassarei depois no meu espírito todas as graças particulares que recebi de Deus ao longo de minha vida. Reconhecerei mil cuidados de uma Providência especial sobre mim; que manteve afastados tantos perigos; que me preservou de tantos pecados e ocasiões de pecados; ou não permitiu que encontrando-me em pecado tivesse que morrer e ir ao encontro de um juízo de eterna condenação, mas quis que continuasse a ser o objeto de sua misericórdia.

Com íntimo afeto considerarei quanto Deus Nosso Senhor fez e sofreu por mim, quanto me comunicou de seus tesouros. Deu-me a graça, o perdão, a adoção, a herança, a fé, a

esperança, o seu amor: “Ele que não poupou o próprio Filho, mas o entregou por todos nós, não nos deu talvez tudo juntamente com ele” (Rm 8,12).

Meditando estas coisas, voltarei a mim mesmo e procurarei o que devo fazer da minha parte. Não há dúvida que eu seja obrigado a oferecer todas as minhas coisas, e eu mesmo, com o maior afeto. Toma, Senhor, e aceita a minha liberdade, a minha memória, o meu intelecto e toda a minha vontade, tudo o que tenho e possuo. Tu me deste tudo isto, e eu te restituo. Tudo é teu, dispõe de tudo conforme teu agrado. Dá-me somente o teu amor e a tua graça, que isto me basta.

AMAR A DEUS NAS CRIATURAS

Não contente de se ter dado a nós Ele mesmo com tantos benefícios, Deus continua a se dar a nós em todas as criaturas, às quais Ele não cessa de comunicar o ser, a vida e todas as perfeições que elas possuem.

Deus está nas criaturas, antes de tudo pela sua essência, a qual é mais íntima ao seu ser do que a nossa alma o seja para o corpo. O é por sua potência, pois não somente dá-lhe o poder de operar, mas opera nelas mesmas como causa principal. Deus está ainda nas criaturas pela sua bondade e providência, governando-as e aplicando-as ao serviço do homem, dirigindo todas suas operações em nosso benefício. Ele dá a luz ao sol para que nos ilumine, dá calor ao fogo para que nos esquente, dá sabor aos alimentos com a finalidade de nos nutrir.

Ora se Deus se torna presente a nós em todas as criaturas, nós devemos vê-Lo e procurá-Lo nelas. Essas criaturas, pois, devemos usá-las retamente, para a glória de Deus e para seu serviço. E como Deus não age nas criaturas senão por nós, nós não devemos por nossa vez agir nelas se não por Ele. Quanto sentimos os bons efeitos derivados em nós pelas criaturas – por exemplo a beleza da luz, a comodidade do calor, o sabor dos alimentos – atribuiremos tudo isto a Deus e agradeceremos a Ele que nos fez tanto bem por meio delas.

Somos pois chamados a cultivar a gratidão por todos os bens que recebemos e a render graças a Deus por nós mesmos e por tantos ingratos que nem pensam nisto. É justo portanto que estejamos bem atentos para não abusar das criaturas, ou atacando-as de modo excessivo ou definitivamente servindo-nos delas como de instrumentos para o pecado, pois seria o cúmulo da ingratidão voltar contra Deus os benefícios que Ele nos fez. Não nos esqueçamos pois de oferecer a Deus os nossos sacrifícios, privando-nos também alguma vez destas criaturas por Seu amor. “Nós amamos a Deus porque Ele nos amou por primeiro” (1Jo 4,19).



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)

AMAR A DEUS SOBRE TODAS AS COISAS (cont...)

DAR-SE A DEUS SEM RESERVA

Deus me amou muito. Porque eu economizarei com Ele daqui para frente? Só o pensamento disso me horroriza. Como não ser tudo de Deus depois da misericórdia que Ele usou para comigo? Como reservar para mim alguma coisa, depois que dele recebi tudo? Meu coração jamais consentirá em uma escolha de tal gênero.

Quando vejo o pouco que sou, e quanto seja o que possa fazer pela glória de Deus colocando-me todo e inteiramente ao seu serviço, envergonho-me só ao pensamento de tirar-lhe qualquer coisa. Não haveria para mim segurança ao levar uma vida mediana. Reconheço que bem depressa cairia nos excessos mais deploráveis.

Não existem senão só aqueles que se deram a Deus inteiramente, que podem esperar morrer com tranqüilidade. Somente esses gozam de uma vida doce e tranqüila. Se se quer fazer muito por Deus, é preciso ser todo seu. Por pouco que se lhe tire, torna-se pouco apto para fazer coisas grandes também para o próximo.

É esta a condição em que se conserva um fé viva e um a firme esperança. Coisas estas que devem ser pedidas a Deus com confiança e se obtém infalivelmente.

Se no paraíso fosse possível sofrer desilusão e desprazer – é um pensamento de Santa Teresa – seria por não ter feito tudo o que se podia a mais por Deus. Ter feito tudo: esta será a maior consolação para uma alma bem-aventurada. Quem se deu a Deus deste modo não será julgado, mas julgará os outros.

O grande mandamento de amar a Deus com todo o coração não se pode cumprir perfeitamente senão no céu. Porque então Deus no-lo deu sem limites? Para nesta vida nos esforçarmos por subir o mais alto que seja possível em direção à sua perfeição.

AMEMOS A DEUS, AMEMOS A DEUS!

A nossa alma é filha adotiva de Deus, do qual traz impressa a semelhança e a clara imagem. Pela graça ela é feita superior à sua natureza, divinizada, deificada. A ela os Anjos se orgulham de prestar serviços. Cristo é meu irmão, e com Cristo ela tem em comum a herança e o reino. Uma alma, pois, de tão elevada origem e adornada de inefáveis qualidades, a quem daremos nós por esposa? A quem, senão ao amor divino?

Deus nos pede para amá-Lo e promete a vida eterna, aliás a si mesmo, como prêmio a quem o ama. Ele nos preveniu no amor; antes que nós existíssemos Ele nos amou. Nós ainda não podíamos pensar Nele e Ele já tinha o mais terno amor e cuidado conosco. Derramou sobre nós em grande quantidade bens de natureza e de graças; enquanto não era ainda possível para nós reconhecer o benefício, e muito menos a mão benéfica de onde vinha.

Finalmente o reconhecemos; e então a sua bondade foi recompensada com a mais negra ingratidão. Mas Ele jamais cessou de nos amar, embora ingratos e inimigos; antes, o seu amor

pareceu ficar mais forte. Demos uma olhada na cruz; e essa nos dirá bem claro como este Homem-Deus conquistou o nosso coração pelo caríssimo preço de todo seu sangue. E a quem daremos nós este coração, senão a Deus? Amemos a Deus, Amemos a Deus!

UM ENAMORADO DE DEUS: S. LUIZ GONZAGA

Bem se pode dizer de Luiz que apenas chegou a conhecer a Deus, nos primeiros albos do uso da razão, já começou a amá-Lo. Já era visto ainda pequenino procurar Deus na solidão em algum canto da casa. E como Deus está pronto a manifestar-se a quem o procura na simplicidade do coração, assim Luiz é solícito para fazer de modo que nenhum outro pensamento ou afeto distraia a sua mente ou venha a ocupar seu coração; e para isto defende todos seus sentidos com rigoroso cuidado.

Desde jovem seu espírito se eleva pronto a uma altíssima contemplação da divina beleza; e crescendo o conhecimento, igualmente cresce também o amor. A primeira comunhão acende no seu coração uma chama de amor a Deus, a qual resplandece e inflama ao ponto de transparecer no rosto e nos olhos. Que rápido progresso fez em Luiz esse fogo! O mundo faz tudo para mantê-lo na vida da corte, mas o seu amor forte e vigoroso lhe abre em breve o caminho para voar a unir-se mais estreitamente ao seu Bem na vida religiosa.

Aqui seu amor cresceu de tal modo que em poucos anos em que sobreviveu não se saberia dizer se fosse Luiz que vivia, ou não fosse antes Deus que vivia em Luiz. Na sua mente, de fato, não havia senão Deus, na sua vontade, nos seus sentimentos não havia senão Deus. Também todas suas obras exteriores não só eram feitas por Deus, mas nelas transparecia também um não sei que de divino, que movia o coração de quem o observava para com as coisas divinas com maior eficácia de qualquer outro meio apto para excitar o fervor. Eis a que ponto levava Luiz o seu amor para com Deus!



(De “A Gramática de Pe. Gaspar”)